

# ADÉLIA PRADO E SUA REUNIÃO DE POESIA

José Neres\*

## INTRODUÇÃO

Adélia Prado é um dos mais significativos nomes da poesia contemporânea em Língua Portuguesa. Mas como vivemos em uma época em que a literatura nacional, principalmente a poesia, nem sempre chama a atenção das novas gerações, quase sempre bastante atentas à lista dos *best sellers* e dos modismos efêmeros, porém alheia aos pilares da cultura da própria terra, nem todos conhecem sua obra e muitos nem mesmo sabem de sua existência.

Tida como uma das melhores escritoras mineiras das décadas finais do século XX e do início do século XXI, Adélia Prado teve sua produção literária elogiada por inúmeros outros poetas e bem aceita por críticos literários. Embora sua obra circule mais no eixo sul-sudeste, sua poesia foge ao provincianismo e alcança uma tonalidade universal, tratando de temas que não são exclusivos de uma ou de outra região, de uma ou de outra época. Ela costuma sair de casos particulares, alguns bastante pessoais e até mesmo íntimos, para atingir o grau de universalidade necessário para que sua poesia deixe de ser apenas uma expressão do Eu, ganhando a dimensão do Todo.

Agora, neste quase final de 2017, os candidatos a uma vaga nos cursos da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) têm a oportunidade de entrar em contato mais direto com a obra dessa escritora que nem sempre é estudada durante as aulas de literatura e que raramente é citada nos livros didáticos utilizados no ensino médio, mas que tem grande importância nas letras brasileiras contemporâneas.

Este é um estudo introdutório que visa apenas preparar os leitores para um contato mais direto com o livro em questão, lembrando que nenhum estudo ou análise pode ou deve substituir o prazer de uma leitura completa. O mais importante é ler o livro **Reunião de Poesia**, para que cada um possa tirar suas conclusões.

---

\* Professor da Rede Pública e da Rede Particular de ensino. Graduado em Letras (UFMA), especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG), especialista em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa (Uninter), mestre em Educação (UCB) e doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Uniderp). Ocupante da cadeira 36 da Academia Maranhense de Letras.

O trabalho começa uma panorâmica na vida e na obra de Adélia Prado. A seguir é feito um breve levantamento do estilo da autora, mostrando também o que disseram alguns críticos e pesquisadores sobre a poetisa e sua produção. Finalmente, são explorados alguns dos principais temas da poética pradiana, com análise de alguns textos e sugestões de temas para produção de textos.

Esperamos que este estudo sirva tanto para afinar um pouco mais seu gosto estético para a alta poesia quanto para que você alcance seus objetivos de entrar para um curso superior. Boa leitura!

## **O LIVRO**

Se um dia puder,  
nem escrevo um livro. (p. 23)

Como o próprio título e a indicação de capa já sugerem, **Reunião de Poesia** não é um livro planejado pela autora, mas sim uma antologia contendo 150 poemas organizados de acordo com o gosto de um crítico escolhido pela editora responsável pela publicação.

O livro, de pequenas dimensões (12 X 18), tem 222 páginas e está dividido em sete partes, cada uma delas dedicadas a uma das obras publicadas pela poetisa mineira. O organizador optou por seguir a linha cronológica das publicações e não algum critério subjetivo como temas ou estruturas gráficas, por exemplo. Essa escolha faz com que o leitor tenha uma ideia geral de como é cada um dos livros enfiados no volume e, ao final da leitura, tenha uma visão panorâmica do estilo da escritora, bem como de seus principais temas e da evolução de seus textos ao longo do tempo. Além dos poemas, o livro traz também um texto de apresentação assinado pelo professor Adilson Citelli, no qual apresenta a escritora e sua obra.



O fato de a primeira edição datar de 2013 e apenas quatro anos depois o livro já estar em sua 5ª edição demonstra sua aceitação por parte do público e acaba atestando a popularidade da autora e seu potencial para atingir o público consumidor de obras literárias.

Todos os poemas do livro pertencem ao chamado gênero lírico, alguns apresentam alguns aspectos narrativos, mas continuam tecnicamente dentro do gênero lírico, aquele voltado para os sentimentos humanos e suas variações dentro de um olhar estético. Os poemas são geralmente curtos e raramente

ultrapassam o limite de uma página, o que torna a leitura agradável e rápida, apesar da grande quantidade de textos, o que pode ser obstáculo para pessoas menos habituadas à leitura de textos poéticos.

## **ADÉLIA PRADO: VIDA E OBRA**

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,  
Sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia. (p.20)

Uma das mais ilustres filhas da cidade de Divinópolis, em Minas Gerais, Adélia Luzia Prado Freitas, filha do casal João do Prado e Ana Clotildes Corrêa, chegou a nosso mundo no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, no



ano de 1935. Como muitas de suas contemporâneas que tiveram a sorte e a oportunidade de frequentar a escola, Adélia Prado também cursou magistério, dedicando-se à sala de aula. Porém, sempre ávida por conhecimentos não se contentou apenas com os estudos secundários e ingressou cursou Filosofia na Faculdade de Filosofia e Letras de sua cidade natal, graduando-se em 1973, mesmo ano em que enviou alguns de seus textos para o professor, poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant’anna<sup>1</sup>, que mostrou os poemas daquela jovem escritora ao já famoso poeta Carlos Drummond de Andrade<sup>2</sup>.

Porém seus primeiros versos datam de 1950, quando, aos quinze anos, perdeu sua mãe. Esse viés de levar para a poesia fragmentos de sua vivência e de suas perdas irá perdurar por todos os momentos de sua produção literária, tornando-se uma de suas marcas estilística, conforme será visto mais adiante.

Os elogios de Drummond alavancaram a carreira literária de Adélia Prado e a incentivaram a publicar seus textos. Três anos depois de concluir seu curso superior, a escritora publicou seu primeiro livro, o volume intitulado **Bagagem**, que teve boa receptividade por parte dos leitores e da crítica especializada. No lançamento de seu livro de estreia estiveram presentes importantes nomes das letras e da política brasileira, como Clarice Lispector, Carlos Drummond de

---

<sup>1</sup> Professor, poeta e crítico literário mineiro. Autor de livros como *Análise Estrutural do Romance Brasileiro* (1972) e *Canibalismo Amoroso* (1984)

<sup>2</sup> Um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX. Autor de livros como *Sentimento do Mundo* (1940) e *José* (1942).

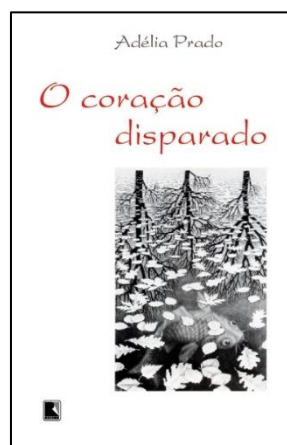
Andrade, Nélida Piñón e Jucelino Kubitschek. Com o tempo, outros livros foram aparecendo e no nome da escritora já era conhecido, citado e admirado por pessoas das mais diversas castas sociais. Dois anos depois de sua estreia literária, Adélia Prado conquistou Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, com **O Coração Disparado** (1978).

O merecido sucesso no mundo das letras começou a disputar espaço com sua atuação no magistério, e com suas atividades familiares, mas tudo foi contornado e ela pôde continuar conciliar as atividades em sala de aula com a intensa produção poética e com a família.

Hoje, prestes a completar seu 82º ano de vida, Adélia Prado colhe o fruto de sua intensa carreira literária e é reconhecida como um dos grandes vultos da poesia contemporânea brasileira, seus poemas já foram traduzidos para inglês, espanhol, francês e italiano, e são diversas as antologias que trazem alguns de seus versos.

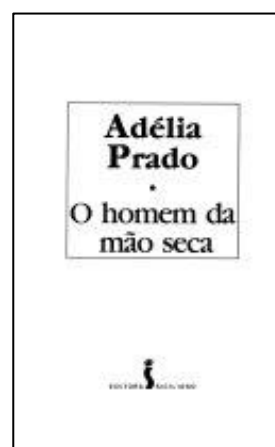
### OBRAS EM VERSO

1. Bagagem (1976)
2. O Coração Disparado (1978)
3. Terra de Santa Cruz (1981)
4. O Pelicano (1987)
5. A Faca no Peito (1988)
6. Poesia Reunida (1991)
7. Oráculo de Maio (1999)
8. A Duração do Dia (2010)



### OBRAS EM PROSA

1. Solte os Cachorros (1979)
2. Cacos para um Vitral (1980)
3. Os componentes da Banda (1984)
4. O Homem da Mão Seca (1994)
5. Manuscritos de Felipa (1999)
6. Prosa Reunida (1999)
7. Filandras (2001)
8. Quero minha Mãe (2005)



### LITERATURA INFANTIL

1. Quando eu era Pequena (2006)
2. Carmela vai à Escola (2011)

### ANTOLOGIAS

1. Mulheres e mulheres (1978)

2. Palavra de Mulher (1979)
3. Contos Mineiros (1984)
4. Antologia da Poesia Brasileira (1994)

## **O ESTILO DE ADÉLIA PRADO**

Meu treinamento é ordenar palavras:  
Sejam um poema, digo-lhes,  
não se comportem como, no galinheiro,  
eu com as galinhas tontas. (p. 210)

No texto de apresentação do livro **Reunião de Poesia**, o professor Adilson Citelli deixa algumas indicações sobre os principais temas abordado por Adélia Prado e também escreve sobre seu estilo. Diz o professor:

A obra de Adélia Prado é frequentemente lembrada pelo cruzamento da religiosidade que singulariza a vida cotidiana, na qual pode ser considerada a ambiência de Divinópolis, e dos temas que expressam o grande mundo em sua sequência de erotismo, tensões humanas e angústias.

O fazer poético da escritora, marcado por indicadores de simplicidade e prosaísmo, é atravessado por quintais, casas, hortas, cozinhas, salas, igrejas, cemitérios. Tais lugares funcionam como fontes expressivas da expressivas da espiritualidade, das conversas entre amigos e familiares, da morte, da saudade do pai e da mãe falecidos, dos desejos do corpo, entre outros temas. Sendo o cotidiano da escritora singelo, comum, caseiro, sua poesia reflete e refrata tal universo, fato que produziu o estereótipo da dona de casa provincianamente mineira. (CITELLI, 2017, p. 09-10).

Logo a seguir, o crítico literário chama a atenção para o fato de que por trás de uma aparente simplicidade da escolha lexical da escritora, que geralmente usa palavras comuns e sem muitos giros sintáticos e vocabulares, há algo mais complexo, que é uma busca incessante pela transcendência humana e pelo lugar do ser no mundo. Citelli, (2017, p. 10) continua sua análise dizendo que:

A obra de Adélia Prado, a despeito de apresentar um plano de superfície sem grandes dificuldades de apreensão, é densamente carregada de significados, de construções simbólicas, de aberturas interpretativas. O



que a colocou naquele patamar de transcendência e transfigurações próprias da grande literatura.

Essa facilidade com relação ao vocabulário utilizado pela poetisa mineira pode ser um dos grandes entraves à leitura de seus poemas. Como, aparentemente, os textos não apresentam dificuldade durante o processo de decodificação, o leitor pode ser levado a acreditar que se trata de uma obra simples e sem profundidade. No entanto, é exatamente ao contrário. Como certa vez escreveu o professor Antônio Carlos Secchin, ao comentar a obra de João Cabral de Melo Neto, “o claro, quando excessivo, ofusca” (SECCHIN, 2003, p. 75). E a poesia de Adélia Prado, tão clara que acaba cegando quem trava os primeiros contatos com esse tipo de poesia que busca seu fôlego não nas peripécias verbais, mas sim nas singelezas possibilitadas pela língua portuguesa.

Às vezes a escritora é minimalista, aderindo ao estilo sintético do haicai<sup>3</sup>, como ocorre no poema **Artefato Nipônico**, no qual imagem de uma borboleta pousada em algum lugar serve como ponto de partida para uma reflexão acerca da perfeição da criação divina.

A borboleta pousada  
ou é Deus  
ou é nada (p. 146)

No entanto, há no livro também poemas um pouco mais longos e que não se encaixam em nenhuma forma fixa. Seus versos geralmente são livres e não há preocupação com a busca de rimas. Para a escritora, o ritmo dos versos se torna mais importante do que a necessidade de rimar palavras.

Ao longo do livro, é possível perceber que a poetisa valoriza aspectos mnemônicos, buscando, no passado e às vezes no seu presente, momentos que precisam ser resgatados e valorizados. Situações mínimas e aparentemente corriqueiras ganham uma dimensão poética que as tiram do comum e as tornam únicas, embora ocorram todos os dias. Em diversos momentos de sua obra, a escritora mineira parece seguir os ensinamentos do poeta pantaneiro Manuel de Barros, que dizia: “fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz<sup>4</sup>”. E é nessa busca de valorizar detalhes aparentemente insignificantes da vida, dando-lhes uma coloração poética é que Adélia Prado construiu grande parte de sua obra. A mãe, o pai, os amigos e as situações cotidianas ganham vulto em sua poética, como pode ser visto nos versos abaixo.

#### SOLAR

Minha mãe cozinhava exatamente:

---

<sup>3</sup> Haicai é um tipo de poema de origem oriental composto por apenas três versos, geralmente fala de algum elemento da natureza e traz uma reflexão sobre a vida.

<sup>4</sup> Esse verso faz parte do poema *Autorretrato Falado*, do Livro *da Ingnorãcas*



Arroz, feijão-roxinho, molho de batatinha.  
Mas cantava. (p. 102)

Versos como esse trazem muito mais do que uma cena cotidiana. O uso da conjunção adversativa, que será uma constante na produção pradiana, altera os rumos do labor diário com a presença da música, provavelmente um lenitivo para as mesmices dos afazeres cotidianos.

Esse é o tom da obra de Adélia Prado, podendo-se somar a isso uma sensualidade velada, uma religiosidade explícita e um olhar voltado para o feminismo.

## **PALAVRA DOS CRÍTICOS**



Diversos foram os críticos, teóricos e autores da literatura que já deixaram suas impressões acerca da produção literária de Adélia Prado. A seguir, veremos o que disseram alguns desses expoentes sobre essa escritora.

Para o professor Massaud Moisés, na obra de Adélia Prado temos “a simplicidade do cotidiano doméstico (o profano), enlaçada a um espiritualismo de acentos místicos (o sagrado, mal esconde uma angustiante procura do ser, lado a lado com uma sensualidade velada, ancestral, mais signo da plenitude que de carência (MOISÉS, 1997, p. 531). Já o também crítico Antonio Hohlfeldt, após analisar cada uma do livro de Adélia Prado, comenta que a escritora:

(...) não apenas reivindica a materialidade quanto à autonomia das demais funções do corpo feminino, de modo a afirmá-lo enquanto tal. Daí que sua literatura constitui uma espécie de contra *discurso da domesticação* do corpo, porque, embora ele traduza a presença de Deus vivo, não expressa uma alienação da personagem em relação a ela mesma. Pelo contrário. E isto se concretiza, especialmente, nas constantes referências ao orgasmo por parte das personagens, referências mais ou menos explícitas. Do mesmo modo, reivindica também sua condição de esposa e dona-de-casa, assim como quebra aquele imaginário universal (...) (HOHLFELDT, 2000, 118).

O escritor Frei Betto, ao analisar a religiosidade na obra de Adélia Prado conclui que “sua poesia recusa o lirismo intimista, a nostalgia melancólica e alcança a dimensão social, fazendo eco ao contexto político e histórico ao qual se insere, tal como a teologia da libertação propõe à pregação da Igreja”,

acrescentando que “a poesia de Adélia Prado é uma forma, a mais bela, de orar” (BETTO, 2000, p. 126-127).

Para a romancista Ana Miranda, Adélia Prado tem “um rosto marcado pela História das mulheres. Em sua mente se forma uma poesia. Em tudo ela pressente a poesia: numa lista de compras, num pente fino, na malva e no leite, na estrela d’alva, numa banana amassada ao vento. Adélia Prado é uma poetisa de verdade, perto da venerabilidade. Publica livros, dá entrevistas, faz palestras, é admirada e respeitada (MIRANDA, 2000, p. 129-130)

## **TEMAS RELEVANTES**

Muitos são os temas que aparecem nos livros de Adélia Prado. O professor Antonio Hohlfeldt, em um exaustivo estudo livro a livro da autora detalha bem mais o assunto. Neste breve trabalho, porém, iremos selecionar apenas algumas temáticas mais relevantes e, a partir daí, tecer alguns comentários acerca de determinados poemas, sempre lembrando que a leitura integral da obra é essencial para compreender o estro da autora.

### **Influência Drummondiana**

Carlos Drummond de Andrade foi um dos primeiros grandes nomes de nossa literatura a chamar a atenção para o talento poético de Adélia Prado. Lendo a obra da poetisa mineira, fica evidente que ela era leitura de CDA e que a obra do autor de **A Flor e a Náusea** influenciou seu modo de se relacionar com a poesia. Mas não se trata de mero pastiche<sup>5</sup> ou de um olhar míope e acrítico sobre os poemas drummondianos. Pelo contrário. Adélia Prado demonstra segurança em suas palavras e chega mesmo a questionar, de forma metafórica, algumas escolhas do grande poeta.

#### **COM LICENÇA POÉTICA**

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos

---

<sup>5</sup> Pastiche é uma imitação de estilo que alguém faz da obra de determinado autor.



— dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou. (p. 19)

Esse é provavelmente o poema de Adélia Prado mais divulgado e reproduzido. Não fica dúvida de que se trata de uma resposta ao **Poema de Sete Faces**, de Carlos Drummond de Andrade, mas com um olhar ideológico feminino e algumas críticas à forma como o homem encara o mundo. No poema, o anjo torto de Drummond é substituído por um anjo esbelto e no lugar de determinar que seu protegido seja gauche, o anjo pradiano sugere uma atitude mais ativa: “carregar bandeira”, ou seja, não se conformar com a situação e fazer algo para mudar o mundo e não apenas sentir-se deslocado nele.

Essa influência, em tom quase sempre contestador, é também visível no poema **Agora, ó José**, que traz uma explícita referência ao conhecidíssimo **José**<sup>6</sup>, de CDA. Contudo o José de Adélia se mostra ainda mais fragilizado que o de Drummond. Recorrendo a passagens bíblicas e a outro conhecido poema, - **No Meio do Caminho** -, a autora reforça a ideia da necessidade de ter fé para superar os problemas cotidianos e os obstáculos impostos pela vida.

## Condição da Mulher

Grande parte da obra de Adélia Prado é voltada para discutir a condição feminina. Em alguns momentos os gêneros são tratados de forma dicotômica, porém, na maioria das vezes, a mulher é vista como um ser “desdobrável”, múltiplo e que luta por condições melhores.

A mulher mostrada por Adélia Prado em seus poemas tem consciência de suas dificuldades, mas, no lugar de se curvar aos obstáculos, tenta contorná-los e deles tira suas lições de vida ou pelo menos mostra aos demais que algo está errado.

**A DIVA**  
Vamos ao teatro, Maria José?  
Quem me dera,  
desmanchei em rosca quinze quilos de farinha,  
tô podre. Outro dia a gente vamos.  
Falou meio triste, culpada,

---

<sup>6</sup> José é um dos poemas mais conhecidos de Drummond. Nele, o poeta mostra o homem perdido dentro de si mesmo, em busca de uma saída. O texto ficou ainda mais conhecido quando foi musicado e cantado por Paulo Diniz, em 1972, tornando-se um dos grandes sucessos da discografia brasileira nos anos 70 do século XX, quando o refrão “e agora, José” se tornou uma espécie de bordão popular.

e um pouco alegre por recusar com orgulho.  
TEATRO! Disse no espelho.  
TEATRO! Mais alto, desgrenhada.  
TEATRO! E os cacos voaram  
sem nenhum aplauso.  
Perfeita (p. 186)

Nesse poema, é possível perceber a presença de dois elementos socialmente antagônicos. De um lado está alguém que aparentemente tem melhores condições de vida e que pode apreciar as artes. Do outro, está Maria José, mulher trabalhadeira e que não tem forças, tempo e dinheiro para ir ao teatro, para o qual é convidada. Sua vida é a síntese e a representação de tantas outras Marias, que lutam cotidianamente por seus espaços e que não são reconhecidas como verdadeiras divas e heroínas que são.

A história cíclica das mulheres é lembrada no poema **Resumo**, no qual, em poucos versos, as características reprodutivas e a destinação a cuidar do lar são revistas de modo rápido, irônico e triste ao mesmo tempo. Cumprida a função na terra, apenas uma lápide lembra a presença daquela mulher na história que ela mesma ajudou a construir, mas da qual em breve terá sua existência apagada.

#### RESUMO

Gerou os filhos, os netos,  
deu à casa o ar de sua graça  
e vai morrer de câncer.  
O modo como pousar a cabeça para um retrato  
é o de quem, afinal, aceitou ser dispensável.  
Espera, sem uivos, a campa, a tampa, a inscrição:  
1906 – 1970  
SAUDADE DOS SEUS, LEONORA. (p. 22)

O final do poema traz o tom amargo da ironia e da dubiedade. Deixa espaço para dupla leitura. O complemento nominal – **dos seus** – ao lado da palavra saudade, transmite ao leitor a sensação não apenas da saudade sentida pelos que ficaram vivos, mas também a ideia de que a própria morta sente saudades da exploração sofrida durante a vida.

Adélia Prado também não deixa de tocar em um ponto bastante relevante para a maioria das pessoas: o tempo, que não para e sempre deixa suas marcas no corpo de cada um de nós. Às vezes, ela reclama: “Só a mulher entre as outras coisas envelhece” (p. 58). A consciência da passagem inexorável do tempo leva à reflexão sobre a efemeridade da vida: “descobri que a seu tempo/ vão me chorar e esquecer” (p. 105).

Mas essa maturidade traz também um poder de sedução diferenciado é que constantemente nos versos pradianos, como é possível detectar no poema **Fatal**.

Os moços tão bonitos me doem,  
impertinentes como limões novos.  
Eu pareço uma atriz em decadência,  
mas, como sei disso, o que sou  
é uma mulher com um radar poderoso.  
Por isso, quando eles não me veem  
como se me dissessem: acomoda-te no teu galho,  
eu penso: bonitos como potros. Não me servem.  
Vou esperar que ganhem indecisão. E espero.  
Quando cuidam que não,  
Estão todos no meu bolso. (p. 66)

Essa consciência da idade e do poder de sedução e o empoderamento do ser-mulher ao admitir que pode também usar o corpo como arma de sedução, às vezes contrasta com as sutilezas de declarações que poderiam soar como submissão, mas que traz embutida nas palavras a certeza de poder escolher o modo de agir e quando agir. O poema **Casamento** é um testemunho dessa dualidade entre o poder de escolher entre o que se deseja fazer e o que a sociedade impõe.

Há mulheres que dizem:  
Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.  
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram  
ele fala coisas como ‘este foi difícil’,  
‘prateou no ar dando rabanadas’  
e faz o gesto com a mão.  
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
Atravessa a cozinha como um rio profundo.  
Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.  
Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva. (p. 136)

Como se pode ver, por trás de uma cena que poderia beirar o machismo ou o feminismo, a autora prefere explorar a aura de sensualidade que emana de uma provável cena cotidiana que se vê transmutada em noite de amor. Sabedora de que a mulher pode ser feita ora “de pedra-sabão” (p.59), ora “sou feita de palha” (p. 118), a poetisa concorda que:

A nudez apazigua porque o corpo é inocente,  
só quer comer, casar, só pensa em núpcias,  
comida quente na mesa comprida  
pois sente fome, fome, muita fome. (p. 204)

E o fato de reconhecer que “acho o sexo, frágil, mesmo o sexo do homem” (p. 108) e de saber que:

Todo homem erra. Não adianta dizer eu  
porque eu. Todo homem erra,  
quem não errou vai errar. (p. 95)

não exime o eu-lírico de sentir desejos e de se vincular às vezes às questões carnis, independentemente das convenções sociais, como ocorre no poema **Bairro**.

O rapaz acabou de almoçar  
e palita os dentes na coberta.  
O passarinho recisca e joga no cabelo do moço  
excremento e casca de alpiste.  
Eu acho feio palitar os dentes,  
o rapaz só tem escola primária  
e fala errado que arranha.  
Mas tem um quadril de homem tão sedutor  
que eu fico amando ele perdidamente. (p. 115)

De propósito, a autora usa o pronome do caso reto, que deveria exercer apenas função de sujeito como objeto direto, praticamente igualando-se ao falar “errado” do seu amado. Diante do desejo e da carnalidade, a razão cede espaço para a emoção, pois, como ela mesma admite, há momentos que não se pode ser racional. O amor se torna intenso, quase animalesco:

Meu amor é sim, sem nenhum pudor.  
Quando aperta eu grito da janela.  
- ouve quem estiver passando –  
ô fulano, vem depressa.  
Tem urgência, medo de encanto quebrado,  
É duro como osso duro.  
Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas:  
Quero é dormir com você, alisar seu cabelo,  
Espremer de suas costas as montanhas pequeninhas  
De matéria branca. Por hora dou é grito e susto.  
Pouca gente gosta. (p. 64)

Atitudes como essas mostram que na poesia de Adélia Prado há espaço para todos os tipos de mulheres, desde as mais recatadas até as mais audaciosas. Mas ela adverte que talvez nem todo mundo esteja preparado para viver com as pessoas mais modernas, pois há quem substitua o prazer pelo pecado e condene quem seja levado por suas emoções:

Nisto consiste o crime,  
em fotografar uma mulher gozando  
e dizer: eis a face do pecado. (141)

O cromatismo, ou seja a ênfase nas cores para transmitir uma sensação estética, é uma das marcas da poesia de Adélia Prado. Em diversos poemas do livro, o leitor se depara com a presença de cores que complementam as emoções vividas pelo eu-lírico nos poemas. No texto abaixo, a tonalidade alegre das cores expressam também a alegria da presença do pai e a lembrança de um momento saudável da infância.

#### IMPRESSIONISMO

Uma ocasião,  
meu pai pintou toda a casa  
de alaranjado brilhante.  
Por muito tempo moramos numa casa,  
como ela mesmo dizia,  
constantemente amanhecendo. (pág. 14)

No entanto, longe da casa familiar, as nuances cromáticas são diferentes e não expressam tanta alegria, como ocorre quando o eu-lírico está em uma pensão, conforme pode ser visto abaixo, no fragmento do poema **Círculo**.

Na sala de janta da pensão  
tinha um jogo de taças roxo-claro,  
duas licoreiras grandes e elas em volta,  
como duas galinhas com os pintinhos.  
Tinha poeira, fumaça e a cor lilás. (p.23)

Notar que no poema acima, além do jogo de cores, há também a sugestão imagética que associa as licoreiras à figura materna e as taças, mais frágeis e delicadas, lembram os filhos. Contudo a distância do lar e do sei materno torna o ambiente esfumaçado, sem brilho.

De modo geral, nos poemas de Adélia Prado, as recordações alegres são representadas por cores mais vibrantes, como amarelo, rosa, alaranjado, branco; e aquilo que não é tão agradável recebe uma tonalidade mais escura. Isso vem representado, de forma bastante alegórica no poema **Dois Vocativos**:

A maravilha dá três cores:  
branca, lilás e amarela,  
seu outro nome é bonina.  
Eu sou de três jeitos:  
alegre, triste e mofina.  
meu outro nome eu não sei.  
Ó mistério profundo!  
Ó amor! (p. 101)

Note-se que nesse poema, além das relações das cores com as gradações de sentimentos, há também a busca do outro EU, do EU desconhecido até mesmo para a própria pessoa. Dessa forma, a escritora chama a atenção para o fato de que é possível conhecer o exterior, mas sempre há algo que fica oculto

no cerne do ser. Novamente o cromatismo se relaciona com os momentos vividos, conforme pode ser visto na representação abaixo:

Branca	Lilás	Amarela	Maravilha	Eu
↕	↕	↕	↕	↕
Alegre	Triste	Mofina	Bonina	?

Conforme se pode ver, o único elemento que não traz um correspondente é o EU, deixando claro que podemos até entender o que sentimos, mas nem sempre sabemos o que somos.

## Religiosidade

O olhar religioso é também uma das marcas da poética pradiana. Mesmo impregnada de detalhes terrenos, os poemas de Adélia Prado quase sempre remetem às questões religiosas. Ela mesma admite que:

Vira e mexe eu penso é numa toada só.  
 Fiz curso de filosofia pra escovar o pensamento,  
 não valeu (...).  
 Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho  
 é de fazer poesia, quando ela insiste feito  
 água no fundo da mina, levantando morrinhos de areia (p. 53)

Na dualidade entre a filosofia, uma tentativa de buscar o uso da razão, e a fé, que não se preocupa com o lado racional do ser, quem saiu ganhando foi a segunda. E a relação do eu-lírico com Deus é retratada em diversos poemas do livro, como, por exemplo, em **Filhinha**, no qual o Deus austero e severo dá lugar a um ser mais suave e com atitudes paternais.

Deus não é severo mais,  
 suas rugas, sua boca vincada  
 são marcas de expressão  
 de tanto sorrir para mim.  
 Me chama em audiências privadas  
 me trata por Lucilinda,  
 só me proíbe coisas  
 visando meu próprio bem.  
 Quando eu passeio  
 é à borda de precipícios,  
 me dá sua mão enorme.  
 Eu não sou órfã mais. (p. 190)

A escritora mineira defende as teses de que “a salvação se opera nos abismos” (p. 191) e de que “a rotina perfeita é Deus” (p. 178), mas reconhece que o pecado pode estar em qualquer lugar, em qualquer ato. Talvez por isso, em alguns momentos, sua poesia ganhe o tom de contrição, como ocorre em **Instância**:



Eu cometi pecados,  
por palavras, por atos, por omissões.  
Deles confesso a Deus,  
à Virgem Maria, aos santos,  
a São Miguel Arcanjo  
e a vós irmãos. (p. 125).

A recorrência à palavra Deus e a outras que a remetam à divindade ou aos santos, associada a questões do cotidiano, inclusive às vezes, com tonalidade erótica, demonstram o equilíbrio que a autora tenta impor a seus poemas, mostrando que o ser humano é composto de tanto de uma parte material quanto de uma outra espiritual e etérea.

## Cotidiano

Conforme já foi dito em parágrafos anteriores, é do cotidiano que Adélia Prado colhe as pétalas com que ornamenta o ramalhete de seus poemas. Tudo para ela pode servir como mote para a elaboração de um texto poético. Contudo, como em um infundável palimpsesto, ela é capaz de colocar dentro de cada estrofe, entremeada por profundos lirismos e sentimento topofílico<sup>7</sup>, fragmentos de crítica social ou de intensa desilusão para com o mundo. É o que ocorre por exemplo, no poema abaixo

### PARA COMER DEPOIS

Na minha cidade, nos domingos de tarde,  
as pessoas se põem na sombra, com faca e laranjas.  
Toma a fresca e riem do rapaz de bicicleta,  
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:  
“Eh bobagem!”  
Daqui a muito progresso tecno-ilógico,  
quando for impossível detectar o domingo  
pelo sumo da laranja no ar e bicicletas,  
em meu país de memória e sentimento,  
basta fechar os olhos:  
é domingo, é domingo, é domingo. (p. 38)

Nesses versos, de extremo lirismo e singeleza, está camuflada também uma crítica a esses tempos pós-modernos em que os costumes antigos vão perdendo força diante de um “progresso tecno-ilógico” que tira das pessoas sensações simples como o cheiro do sumo da laranja, o som da campainha da bicicleta e até mesmo a noção de um domingo marcado pelo ócio e pela presença dos amigos. Resta então ao homem saudosista recuperar os momentos mais singelos com o recurso da memória. A solução é fechar os olhos para a

---

<sup>7</sup> Topofilia está relacionada com o sentimento de amor por algum lugar

realidade e mergulhar nas recordações. Lá estão os momentos ainda intocados pela crueza do cotidiano.

Diversas são as passagens do livro em que a autora recorre a cenas aparentemente banais para dar o tom poético a acontecimentos corriqueiros, mas que passam despercebidos no dia a dia das pessoas. Elencamos a seguir, algumas dessas passagens:

Nasceu no meu jardim um pé de mato  
que dá flores amarelas. (p. 48)

As formigas passeiam na parede,  
perto de um vidro de cola que perdeu a rolha. Há mais:  
um maço de jornais, uma bilha e seu gargalo fático,  
um copo de plástico e um quiabo seco,  
guardado ali por causa das sementes. (p. 49)

Encontrei meu marido às três horas da tarde  
com uma loura oxidada.  
Tomavam guaraná e riam, os desavergonhados.  
Ataquei-os por trás com mão e palavras  
que nunca suspeitei conhecer.  
Voaram três dentes e gritei, esmurrei-os e gritei,  
gritei meu urro, a torrente de impropérios. (p. 68)

Alguém joga o lixo  
Por um buraco no muro,  
Tudo como em mil novecentos e setenta e seis. (p. 183)

Tenho que comprar coisas, pagar contas,  
dívidas de existir neste planeta convulso. (p. 152)

Escritores como Adélia Prado, Cora Coralina e Manoel de Barros mostram aos leitores que a poesia pode ser grandiosa, mesmo falando de coisas miúdas. Eis uma das grandes lições deixadas pela obra.

## **Considerações Finais**

O livro **Reunião de Poesia**, de Adélia Prado apresenta temáticas variadas e, como se trata de uma antologia, abarca diversos momentos da trajetória poética da escritora mineira.

Neste breve estudo, podemos ver que a poetisa tem o domínio da linguagem poética e transita por temas que vão desde as relações familiares até a condição feminina, passando por algumas críticas sociais e pelo uso das cores para expressar seus sentimentos. Foi possível ver também que, embora, da obra de Carlos Drummond de Andrade, ela não se limita a seguir os ditames do mestre mineiro, mais sim que segue seus próprios caminhos em busca das próprias peculiaridades.

Este estudo é apenas uma introdução e não tem desejo, por menor que seja, de substituir a leitura integral do livro. O passo seguinte é mergulhar nas páginas do livro, saborear os versos e então tirar suas próprias conclusões.

Santo Antônio dos Lopes, 16 de julho de 2017.

São Luís, 20 de julho de 2017.

## **REFERÊNCIAS**

BETTO, Frei. **Adélia nos Prados do Senhor**. In: Cadernos da Literatura Brasileira – Adélia Prado. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000. p. 121-127.

HOHLFELDT, Antonio. **A Epifania da Condição Feminina**. In: Cadernos da Literatura Brasileira – Adélia Prado. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000. p. 69-120.

MIRANDA, Ana. **Um Rosto Marcado pela História das Mulheres**. In In: Cadernos da Literatura Brasileira – Adélia Prado. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2000. p. 128-132.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira – Modernismo**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PRADO, Adélia. **Reunião de Poesia**. 5 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Escritos sobre Poesia e alguma prosa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.